



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

CLARICE CASTRO ROSADAS

**CASA VOA:
UMA MOSTRA SOBRE CONTAMINAÇÃO**

Niterói

2022

CLARICE CASTRO ROSADAS

**CASA VOA:
UMA MOSTRA SOBRE CONTAMINAÇÃO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Produção Cultural. Orientador: **Professor Dr. Ricardo Roclaw Basbaum**

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R788c Rosadas, Clarice Castro
Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação / Clarice Castro
Rosadas. - 2022.
53 f.: il.

Orientador: Ricardo Roclaw Basbaum.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2022.

1. Arte Contemporânea. 2. Espaços Autônomos. 3.
Coletivos. 4. Exposição de Arte. 5. Produção intelectual.
I. Basbaum, Ricardo Roclaw, orientador. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social.
III. Título.

CDD - XXX



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao vigésimo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às treze horas, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense – CEPEX/UFF nº 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação**”, apresentado por **Clarice Castro Rosadas**, matrícula **215033060**, sob orientação do(a) **Prof. Dr. Ricardo Basbaum**.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Prof. Dr. Ricardo Basbaum**

2º Membro: **Profª. Drª. Neide Marinho**

3º Membro: **Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação, dentro e fora da universidade, e a todos que me incentivaram diariamente a seguir os caminhos artísticos que apareceram durante essa jornada.

Aos queridos: Ricardo Basbaum, que guiou a pesquisa e ajudou a manter o foco durante os momentos de incerteza e mostrou que é possível conciliar a vida artística e acadêmica; Luiz Guilherme Vergara, que foi o primeiro a me chamar de artista e incentivar o voo aos caminhos inventados da arte; Neide Marinho, que com sua gentileza e sensibilidade ofereceu aulas tão importantes e inesquecíveis de arte contemporânea dentro do curso de produção cultural

Aos meus familiares: Fernanda, Renato, Sérgio, Wania, Rosa, Roberto, Maju, Marcelo, Rosane e Clara; o amor e o incentivo incondicional de vocês em todos os caminhos que resolvi seguir me dá forças para todos os dias acordar e inventar mundos.

E aos amigos da Casa Voa: Antonio Bokel, Marcelo Macedo, Mateu Velasco, Lulo Chaumont, Carolina Kasting, Thainan Castro, Clara Veiga, Joana César, Ana Portes e Maria Flexa; obrigado por estarem comigo desde o início dessa jornada e por me fazerem acreditar que é possível realizar (quase) tudo que imaginamos.

“ mas pensa –

**a cidade ainda está em guerra mas as casas
como disse auden citado por alejandro**

as casas são onde duas ou três coisas importantes ainda acontecem.”

— Catarina Lins

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um projeto expositivo para o coletivo de artistas que compõem o espaço Casa Voa. O trabalho adotará o formato projetual, que consiste em uma monografia dividida em duas partes, sendo elas: o embasamento teórico e o projeto em si. Primeiramente, serão apresentadas as características principais dos chamados espaços autônomos de arte contemporânea, bem como um pequeno panorama histórico que contextualiza e situa a Casa Voa no cenário autônomo da arte contemporânea brasileira. Também será apresentado um breve memorial da história da própria Casa Voa, que apresenta cronologicamente o surgimento e consolidação do espaço e seu funcionamento. Finalmente, será apresentado o projeto expositivo elaborado a partir de obras dos artistas que fazem parte do espaço Casa Voa, apontando as estratégias necessárias para realizar o projeto, a escolha do espaço para realizar a mostra e os trabalhos selecionados de cada artista.

Palavras-chave: Arte Contemporânea; Cultura; Exposição de Arte; Coletivos; Rio de Janeiro; Espaços Autônomos.

SUMÁRIO

EMBASAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 - CASA VOA

Uma mostra sobre contaminação

1.1 Apresentação geral do projeto.....	6
1.2 Estrutura do projeto.....	7

CAPÍTULO 2 - ESPAÇOS AUTÔNOMOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA NO BRASIL

História e características a partir da autora Kamilla Nunes.....	9
--	---

CAPÍTULO 3 - CASA VOA

Uma breve história do espaço.....	14
-----------------------------------	----

CAPÍTULO 4 - A CONTAMINAÇÃO

Uma proposta curatorial.....	20
------------------------------	----

REFERÊNCIAS.....	21
------------------	----

PROJETO

Apresentação/ resumo.....	22
Objetivos.....	22
Justificativa.....	23
Estratégias de Ação.....	25
Público Alvo.....	29
Orçamento.....	29
Anexos - Lista de Obras e Planta Baixa da Sala de Exposição.....	31

1. Casa Voa: uma mostra sobre Contaminação

1.1 Apresentação geral do Projeto

Durante a formação no curso de Produção Cultural, a arte esteve presente em grande parte das aulas e de projetos realizados pelos alunos, bem como uma aproximação com os estudantes do curso de arte. Essa aproximação fez com que eu encontrasse um espaço para refletir e elaborar uma pesquisa como artista e acabasse transitando entre esses dois mundos dentro da universidade. Por esse motivo, a realização de um projeto de conclusão de curso que se apresente na interseção entre a arte e a produção cultural é de suma importância e relevância para concluir minha formação, acompanhando a trajetória que me trouxe até aqui.

O presente projeto se propõe a idealizar uma exposição de arte contemporânea com obras dos artistas que constituem o espaço autônomo Casa Voa, localizado no Rio de Janeiro, grupo este que é composto por: Antonio Bokel, Carolina Kasting, Lulo Chaumont, Marcelo Macedo, Mateu Velasco e eu, Clarice Rosadas, que escrevo este projeto. Além disso, pretende-se analisar estrutural e conceitualmente este espaço, situando-o historicamente em relação ao surgimento dos espaços independentes de arte contemporânea no Brasil. Tem-se como objetivo, também, trazer pontos de divergência ou especificidade na forma de abordar esse tema em relação aos estudos que constituem a bibliografia deste projeto, ao optar por dar foco às obras que estão sendo produzidas pelos artistas da casa, além de entender como se dá o funcionamento do espaço no qual se abrigam as produções desses artistas.

A estrutura do projeto subdivide-se em duas partes, sendo a primeira um embasamento teórico que sustenta o projeto expositivo, e a segunda o próprio projeto. A discussão teórica será apresentada em três partes: a primeira sobre os espaços autônomos de Arte Contemporânea, a segunda sobre a Casa Voa e a terceira sobre a escolha curatorial e o formato do projeto.

Para abordar o histórico e o imaginário que atravessam a discussão dos espaços autônomos de arte contemporânea no Brasil, o projeto tem como apoio teórico principal a pesquisa “Espaços Autônomos de Arte Contemporânea”, de Kamilla Nunes, e a pesquisa de Máira Endo, “Estudos sobre a Auto-organização no Campo da Arte no Brasil” (2017). Estas duas autoras se esforçam para mapear geograficamente, historicamente e conceitualmente o campo artístico independente no Brasil, e esta será a base que tornará possível situar a Casa Voa no panorama internacional e nacional do surgimento desses espaços, passando por termos

usados, definições conceituais, estruturas de formação e atuação da casa como espaço autônomo de arte contemporânea.

Como base para a metodologia que será utilizada na seleção dos trabalhos e montagem da exposição, utilizaremos a linha de pensamento curatorial de Sonia Salcedo del Castillo, que guiará o projeto a partir do livro “Arte de Expor: Curadoria como Expoesis” (2014). Este livro auxiliará na construção do aspecto subjetivo da curadoria, passando pela escolha do ponto em comum entre os trabalhos, até a finalização da organização e distribuição dos mesmos no espaço expositivo.

É importante destacar que o espaço Cultural dos Correios de Niterói foi a sede escolhida para abrigar a exposição a partir de um critério de localização. A proximidade à Universidade Federal Fluminense (UFF) implica em uma maior facilidade de acesso e entrada de projetos – que não precisam aplicar para editais ou se enquadrar em leis de incentivo, tornando o projeto realista e possível de ser finalmente realizado. Além disso, a instituição já recebeu exposições de todos os artistas que fazem parte do coletivo, divididos entre a sede dos correios do Rio e dos correios de Niterói. Ocorreram mostras individuais dos artistas Antonio Bokel, Clarice Rosadas, Lulo Chaumont e Carolina Kasting, e de mostras coletivas das quais participaram os artistas Marcelo Macedo e Mateu Velasco. Assim, a familiaridade com o ambiente expositivo mostrou-se um ponto decisivo na escolha do local, levando-se também em consideração o fato de o espaço elegido para sediar a mostra ser uma instituição não autônoma, o que causaria um certo curto-circuito no cenário artístico, ao entrelaçar as redes autônomas e institucionais.

1.2 Estrutura do Projeto

A primeira parte desta pesquisa apresentará uma introdução à discussão teórica a partir da perspectiva apresentada pela autora Kamilla Nunes, no livro “Espaços Autônomos de Arte Contemporânea” (2013). Nesta etapa do trabalho, percorreremos cronologicamente a história destes espaços no Brasil, pontuando os principais motivos que ocasionaram o seu surgimento, acompanhando o contexto histórico, político e social que atravessava sua época de atuação. Veremos que a emergência destes espaços está geralmente vinculada à dissonância entre o tempo do Estado e o tempo das necessidades do campo artístico, bem como à falta de continuidade dos planos culturais de governo entre mandatos. Veremos também que um outro grande motivador para que os espaços autônomos fossem criados viria do incômodo dos artistas contemporâneos com a ausência de um espaço voltado para

experimentações. Essa falha nas instituições de arte despertou nos artistas o desejo de criar um circuito que não dependesse do interesse do Estado para acontecer, trazendo o aspecto de “liberdade” como um dos principais objetivos comuns entre os espaços autônomos.

Assim, o objetivo desta discussão acerca dos espaços autônomos consiste em situar a Casa Voa historicamente, em relação ao cenário artístico de arte contemporânea brasileiro, para que então seja apresentada a casa, suas principais atividades e participantes, sendo este um trabalho de contextualização necessário antes de introduzirmos o projeto expositivo pensado para seus artistas.

Por indicação do também artista, e orientador deste projeto, Ricardo Basbaum, estarei inclusa na escrita da segunda parte do texto, bem como no projeto expositivo, já que ignorar minha presença no espaço e no coletivo afetaria a análise estrutural e conceitual da Casa Voa, tornando este projeto infiel à realidade da constituição do espaço.

A segunda parte do embasamento teórico para o projeto percorrerá, também em ordem cronológica, a história do espaço autônomo Casa Voa. Nesta etapa do trabalho, serão apresentados os artistas que fazem parte do coletivo, o momento inicial de sua reunião e criação da casa, assim como os primeiros passos como coletivo, suas estratégias de ação e organização financeira, os objetivos do projeto e sua reverberação no cenário artístico contemporâneo. Esta apresentação do espaço autônomo Casa Voa faz-se necessária tendo em vista que o projeto da exposição se baseia na relação entre as obras e os artistas da casa, tanto para conceituar poeticamente a curadoria quanto para as escolhas expográficas, como a disposição das obras no espaço expositivo.

Por fim, a última parte do embasamento teórico estabelecerá um vínculo entre a história dos espaços e a história da Casa Voa, a partir de uma proposta curatorial baseada na autora Sonia Salcedo del Castillo. Esta proposta terá como objetivo principal reunir um conjunto de trabalhos que evidencie o fato de que os artistas do coletivo produziram as obras desta exposição coletiva no mesmo ambiente, de modo que foram influenciados uns pelos outros e afetados pelas pesquisas e materiais que compartilharam durante sua estadia na casa, fazendo com que fosse criada uma linguagem comum que transpassa os trabalhos.

Apresentaremos, então, após traçado o percurso acima descrito, o projeto deste trabalho. A escrita projetual é composta por introdução, justificativa, objetivos (geral e específicos), cronograma de montagem e desmontagem, estratégia financeira, descrição expográfica e lista de obras.

2. Espaços Autônomos de Arte Contemporânea no Brasil: História e características, a partir da autora Kamilla Nunes

Os espaços autônomos de arte contemporânea - também chamados de espaços independentes ou alternativos - são locais que abrigam artistas, suas ideias e ideais, constituindo-se enquanto espaços que têm sua história atravessada pelo contexto político, econômico e social de sua época, podendo ser vistos e analisados como consequência do cenário artístico no qual estão inseridos.

Nesse contexto, o surgimento dos espaços autônomos de arte contemporânea, no Brasil, ocorreu em meados dos anos 60, como espaços voltados para a experimentação artística. Nesse primeiro momento, a emergência desses espaços é uma reação ao autoritarismo imposto durante a Ditadura Militar brasileira, bem como à ausência de políticas públicas voltadas para o setor artístico e suas demandas. Segundo aponta o mapeamento da pesquisadora Kamilla Nunes (2013), a Rex Gallery&Sons é considerada o primeiro espaço autônomo de arte contemporânea do Brasil, e aponta, desde sua origem, características e questões que atravessam esse tipo de espaço até hoje.

A Rex Gallery&Sons foi criada em São Paulo pelos artistas Geraldo de Barros, Nelson Leirner, Wesley Duke Lee, Carlos Fajardo, José Resende e Frederico Nasser, em junho de 1966, e encerrou suas atividades em maio de 1967. Tinha como proposta questionar os modelos institucionais de formação e recepção da arte no Brasil, o mercado de arte vigente, o papel do artista e do espectador, bem como propor novas dinâmicas de ensino, criar uma alternativa à circulação de arte contemporânea experimental e, sobretudo, “apontar para outras possibilidades de referências artísticas baseadas na autonomia e não na atualização de iniciativas externas. (NUNES, 2013, p. 20)

Apesar de cada espaço autônomo apresentar uma especificidade de funcionamento, estrutura, propósito e atividades, é possível observar uma lógica e estruturação básica que torna possível agrupá-los sob uma mesma nomenclatura.

Os espaços autônomos de arte contemporânea, também conhecidos como “espaços independentes”, “espaços alternativos”, “espaços autogestionados”, “espaços experimentais” ou, ainda, no caso da Europa e América do Norte, “centros culturais independentes” e “artist-run spaces”, entre outros, passaram a ocupar um lugar estratégico na recepção, articulação e desenvolvimento da arte experimental no Brasil. Eles são parte de um conjunto de práticas autônomas, governadas por políticas e dinâmicas intensivas, por processos não lineares e por um ideal de autogestão, liberdade e resistência. (NUNES, 2013, p. 14)

É muito comum utilizar o termo “independente” ao se referir a estas organizações, mas é questionável a ideia de que estes possam ser de fato independentes em todos os

âmbitos, como, por exemplo, possuir uma independência em relação ao público, ao circuito de arte e à lógica de economia capitalista. Por esse motivo, muitos autores sugerem o uso do termo “autônomo” ao se referir a esses espaços de arte. De acordo com Kamilla Nunes: “A autonomia a que me refiro não tem a ver com o tipo de pessoa que gere estes espaços (...) mas com a liberdade de gestão, de criação, de desvio.” (2013, p. 93). Dessa forma, adotar o termo “espaços autônomos” mostra-se mais adequado quando almeja-se apontar certo tipo de autonomia de gestão, de organização e até mesmo de desejo em relação a instituições e circuitos públicos ou privados. Por esse motivo, este termo é escolhido para nosso projeto, no lugar de espaços 'independentes'.

Retomando, então, o histórico que envolve o fenômeno destes espaços, destaca-se que os anos 60 e 70 foram marcados pelo surgimento dos espaços autônomos no cenário da arte brasileira, tendo sido atravessados pela busca dos artistas por um lugar que desse conta do experimentalismo e não dependesse do aval ou investimentos do Estado para existir. Nesse sentido, os anos 80 e 90 podem ser considerados igualmente seguidos por essa vontade, mas as questões políticas e econômicas que atravessavam o campo artístico no Brasil nesse período eram outras.

Esse segundo período, dos anos 80 e 90, foi marcado pelo Neoliberalismo de Estado, com a criação da Lei Sarney. Essa lei representou a criação de uma nova linha de atuação do governo em relação a políticas públicas, que tentaria dar conta das questões e necessidades do campo artístico no país, mas que esvaziaria a responsabilidade do Estado de criar e direcionar uma série de investimentos econômicos e estruturais no que diz respeito à cultura, entregando o setor cultural ao interesse econômico de grandes empresas. Estas, em busca de descontos fiscais, passaram a direcionar, através deste novo mecanismo, uma parte de sua verba para o investimento em editais e ações de financiamento artístico.

De acordo com Kamilla Nunes, a consequência disso é que poucos espaços autônomos surgiram durante esse período, possivelmente em decorrência do fato de que houvesse uma grande oxigenação do meio artístico e um certo otimismo em relação à atuação dos artistas em suas áreas. A pesquisadora Kamilla Nunes indica que muitos artistas atuantes nos anos 90 tinham o “intuito de viver a arte de uma forma mais coletiva e menos individual” (NUNES, 2013, p. 32), e por conta disso “refutaram e fizeram críticas severas ao crescente aumento do mercado de arte, ao diminuto investimento do Estado na cultura e às instituições de arte que possuíam políticas engessadas e conservadoras” (NUNES, 2013, p. 32). A autora aponta, ainda, que:

A insatisfação dos artistas e a dificuldade de veicular, no circuito “oficial”, uma arte que não cedeu às demandas do mercado e que buscava a diluição das fronteiras entre arte e ação política complicou-se ainda mais com a dissolução da Funarte em 1990, durante a presidência de Fernando Collor de Mello. Sem espaços “oficiais” de atuação e determinados a enfrentar a lógica do mercado que, a priori, define a qualidade de uma obra de arte, artistas de diversas regiões do país passaram a se agrupar em torno de um interesse em comum e a definir seus locais de atuação fora do cubo branco e dos espaços sagrados de legitimação. A estes agrupamentos, deu-se o nome de coletivos. (NUNES, 2013, p. 32)

Assim, observamos o papel dos artistas nos anos 80 e 90, que marcaram o debate acerca da coletividade e apontaram fortes objetivos de ação e posicionamentos em relação ao mercado. O posicionamento assumido por esses artistas incluía colocar em questão o conservadorismo político e institucional, assim como o aumento do mercado da arte, que acompanhava, paradoxalmente, a queda de investimentos estatais no campo artístico brasileiro.

Nesse contexto, os termos “coletividade” e “rede de colaboração” são muito utilizados pelos artistas que se organizam em estruturas de espaços autônomos. A organização fluida, experimental e autogerida entre os artistas é comumente baseada em redes de trocas, contribuições e suporte entre outros artistas do meio para que os espaços se mantenham ativos. Acerca disso, Kamilla Nunes afirma que:

A diferença proposta entre *coletivos* e *iniciativas coletivas* assinala uma mudança estrutural interna de funcionamento. O discurso anti-mercado, de reação à lógica do espetáculo e com a premissa de estar junto com liberdade, muito em voga entre os coletivos, também é refletido em diversos espaços concebidos por estes agrupamentos de artistas, que buscam uma troca abrangente entre o artista e o público, sobretudo pelas relações afetivas que conectam a criação artística e a gestão do fazer artístico. Por serem híbridos, é difícil identificá-los a partir de uma ou outra categoria genérica, mas é possível traçar perfis de parentesco que sejam convergentes com suas especificidades físicas e funcionais. (NUNES, 2013, p. 35)

As estratégias adotadas por cada um desses grupos é diversa. Em estudos como o da Kamilla Nunes e da Maíra Endo é possível acompanhar uma extensa documentação em sequência de surgimentos e desaparecimentos de espaços autônomos no país, cada um deles contendo características, estratégias e objetivos de atuação dos mais diversos. As pesquisadoras pontuam, no entanto, semelhanças marcantes quanto ao surgimento e a estrutura geral dessas organizações.

Parto então da hipótese de que são quatro as motivações mais frequentes entre os indivíduos que hoje optam por integrar uma iniciativa coletiva auto-organizada, dentro de um sistema não linear:

1. O desejo por estabelecer relações de trabalho horizontais e eficientes. Os indivíduos que se auto-organizam com essa premissa consideram os modelos tradicionais, baseados em sistemas hierárquicos e na retenção do saber, insatisfatórios, insuficientes e/ou inválidos.
2. A dependência de órgãos, instituições e políticas públicas para projetar, produzir, desenvolver, aprimorar e/ou difundir seu trabalho. Os indivíduos que compartilham desta motivação, por um motivo ou outro, estão insatisfeitos com os serviços oferecidos pelo poder público e compartilham da crença de que é possível preencher as lacunas, percebidas dentro de um contexto específico, através da iniciativa auto-organizada de um grupo de indivíduos, mesmo que esta iniciativa dependa, de alguma forma, de recursos públicos.
3. A busca pela autonomia. As pessoas que se auto-organizam com esta finalidade pretendem dar vazão aos seus interesses, intenções e desejos dentro de um ambiente regido por um conjunto de valores e regras próprias, compartilhadas pelo coletivo.
4. A insatisfação diante do sistema ou lógica sócioeconômica instaurada. Os que se auto-organizam por esta razão, em geral entendem que o sistema capitalista neoliberal instaurado fracassou e buscam outros modelos que materializem ideologias e visões políticas não contempladas. Organizações com motivações político-ideológicas se caracterizam como zonas de resistência e, frequentemente, buscam gerar tensão ou mesmo implodir o sistema; seguem regimentos próprios e almejam a justiça social e o compartilhamento dos saberes. (ENDO, 2017, p.6)

Um outro ponto comum observado em alguns desses espaços autônomos é a busca por parcerias com pequenas empresas ou instituições, com o objetivo de garantir algum apoio que ajude a manutenção de atividades estruturais de sua situação financeira. Em muitos casos, os artistas integrantes realizavam a inscrição do espaço em editais em busca de premiações ou contrapartidas que possibilitassem a realização de exposições ou o próprio financiamento do projeto. Outra tática comum é a realização de festas com bares ativos durante eventos e até mesmo a realização de leilões de obras dos artistas residentes como estratégia financeira dos espaços autônomos. Essas ações têm o objetivo de gerar uma parte da renda necessária para a própria realização do evento ou para sustentar o projeto a longo prazo, sendo utilizada para pagar as contas como aluguel, obras estruturais, gastos com montagem de exposições, entre outros. Acerca disso, Kamilla Nunes afirma que:

(...) para manter a gratuidade de seus mecanismos, muitos espaços adotam estratégias mercadológicas e comerciais. Os leilões realizados através da doação de obras por artistas; a comercialização de bebidas durante as aberturas e festas temáticas; as inscrições em editais públicos, prêmios e leis de incentivo à cultura; à venda de publicações; a sublocação de salas; a venda de rifas; a comercialização de múltiplos e as parcerias com iniciativas privadas são algumas das estratégias

utilizadas para manter a estrutura e a programação dos espaços. (NUNES, 2013, p. 75)

Seguindo esses fatos, os anos 90 chegam com a força dos agrupamentos de artistas em ações e projetos coletivos, que realizam ocupações de espaços comuns da cidade através interessados na experimentação e aproximação com o público. Junto às ações artísticas, essa época foi marcada pela reestruturação da Funarte e pela substituição da Lei Sarney pela Lei Rouanet, acompanhada de novas críticas em relação à atuação do Estado, sempre atrasado em relação às demandas urgentes do campo artístico e cultural e cada vez mais ausente desde a implementação de leis de incentivo à cultura, cada vez mais dependentes do interesse das grandes empresas.

Em meio a esse contexto, as estratégias empregadas pelos coletivos já não são embaladas pela vontade confessa de mudar o mundo, transformar por completo o sistema das artes ou mesmo implodi-lo. Não são mais as grandes utopias da modernidade que as alimentam. Ainda assim, elas traduzem um posicionamento crítico e reflexivo frente às dinâmicas e valores não só do sistema das artes, mas da própria sociedade, expresso por meio de ações capazes de provocar pequenos curtos-circuitos na realidade, ao indagarem sobre o presente e apontarem outras possibilidades de se imaginá-lo. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 28.)

A partir dos anos 2000, com a nova diretriz artística sob comando de Gilberto Gil, no governo Lula, foram implementadas redes de apoio cultural mais atuantes no cenário artístico, como um braço cultural que buscou se estender no país. Os chamados “Pontões de Cultura” foram grandes aliados dos artistas e profissionais do campo artístico, que receberam grande apoio do estado para dar continuidade a seus projetos, estabelecendo sua atuação em redes maiores de conexão com o público. Durante esse período pôde ser observado um “boom” dos espaços autônomos de arte contemporânea, resultado dos anos de fortalecimento dos coletivos dos espaços autônomos, que a autora Kamilla reconhece como “Zonas de Resistência”:

As principais referências históricas desta pesquisa estão localizadas temporalmente entre as décadas de 1960 e 1970. Apesar da ditadura, tanto a contracultura quanto as iniciativas coletivas de artistas se expandiram no Brasil e, por consequência, alguns espaços foram criados com o propósito de veicular uma produção de viés político, crítico e experimental. Essa organização de novas configurações espaciais e de ruptura com posturas

canônicas são reconhecidas, aqui, como *zonas de resistência*. (NUNES, 2013, p. 29)

É nesse contexto que se situa o espaço autônomo Casa Voa, objeto de estudo para este projeto. No próximo capítulo seremos apresentados à história deste espaço, através de um breve relato cronológico de suas atividades, acompanhando a entrada e saída dos artistas membros, estratégias financeiras e um panorama geral do projeto. Essa escrita terá como base um conjunto de fontes, como relatos dos artistas do coletivo, publicações em redes sociais e minha própria memória desde que ingressei ao coletivo em 2018.

3. A Casa Voa: Uma breve História do Espaço

A Casa Voa é um espaço autônomo de arte contemporânea fundado em 2017, no Rio de Janeiro, Gávea (RJ). O projeto foi criado pelo grupo de artistas Antonio Bokel, Marcelo Macedo, Mateu Velasco, Thainan Castro, Joana César e Clara Veiga, amigos do cenário de arte urbana carioca. Antes de fundar a Casa Voa, a dupla Marcelo e Antonio chegou a dividir um outro espaço de arte no Rio Comprido, na Zona Norte do Rio, chamado Quintal, onde receberam exposições e projetos de arte para crianças, além de ateliês para desenvolver a produção de suas pesquisas individuais.

O grupo, agora maior, se reuniria desta vez para dividir um casarão no alto da Gávea, bairro localizado estrategicamente no meio do cenário de arte carioca, onde muitos centros culturais ficam ativos e recebem o setor mais quente de venda de obras de arte. A casa se situava nas proximidades de galerias como a galeria Mercedes Viegas e a Galeria da Gávea, por exemplo, e da sede carioca do Instituto Moreira Salles. A arquitetura modernista de três andares mesclada com um setor reformado que trazia um toque contemporâneo para a construção inspirou o apelido “Voa” logo nas primeiras visitas ao espaço, como uma alusão a uma casa que voa, ou voadora, que apontava para cima. Assim começa o espaço Casa Voa.

Hoje, cinco anos depois, o grupo continua formado por seis artistas, mas os membros Joana César, Thainan Castro e Clara Veiga deram lugar a Carolina Kasting, Lulo Chaumont e Clarice Rosadas – que escreve este projeto. Outra grande mudança na Casa Voa desde o início de sua história foi o endereço, que migrou de 458 para 456 durante o primeiro semestre da pandemia do Coronavírus, obrigando o grupo a buscar uma outra casa, por sorte mantendo a mesmíssima vantagem geográfica no circuito de arte do Rio.

Durante a primeira formação, entre os anos de 2017 e 2020, a Casa Voa teve destaque no cenário de arte independente e também chamou a atenção de instituições e galerias, atuando no campo artístico carioca em diversos projetos e feiras de arte, às vezes como coletivo, outras vezes como espaço de ateliê dos artistas representados por galerias.

No primeiro ano do projeto, os artistas precisaram realizar diversas reformas e reparos na casa, alugada coletivamente, que se encontrava em estado de abandono anos depois de ter sido sede de uma editora de livros, chamada “Capivara”. O grupo adaptou o primeiro andar da casa cobrindo as prateleiras feitas para abrigar os livros - que se estendiam do primeiro ao terceiro andar - e transformando a sala principal da casa em um grande espaço expositivo, deixando intactas as prateleiras do segundo e terceiro andares para serem preenchidas com trabalhos de pequenos formatos, objetos e esculturas. Os quartos da casa se transformaram em ateliês, e em algumas semanas o espaço estava pronto para ser ativado. Toda a reforma e os custos para manutenção das atividades do projeto eram desembolsados pelos próprios artistas do coletivo, e os aluguéis eram determinados a partir do tamanho do ateliê que cada um ocupava.

Ao mesmo tempo em que adaptavam o espaço físico, os artistas decidiram criar um perfil virtual para a Casa Voa nas redes sociais Instagram e Facebook, compartilhando registros diários dos processos nos ateliês, de conversas e visitas, e até mesmo das etapas de restauro da casa. Essa estratégia de divulgação através de um perfil virtual da Casa Voa contribuiu para que rapidamente ficasse marcada a identidade do espaço para a rede de amigos, clientes e parceiros de trabalho, que passaram a acompanhar de perto as ativações da casa. Essa divulgação virtual se tornou uma ferramenta fundamental para atrair público para os eventos realizados no espaço, que conseguiram, desde o início, atrair a presença de galeristas, colecionadores, estudantes de arte e amigos interessados na linguagem contemporânea do projeto.

No final dos primeiros meses de restauração, ainda em 2017, a casa estava pronta para receber o público numa exposição coletiva que inaugurou o espaço e marcou, oficialmente, o início do projeto. Com curadoria coletiva, estavam expostos na sala do casarão um conjunto de trabalhos autorais de cada um dos seis artistas do grupo, além de um conjunto de trabalhos coletivos sob o título “Orgia Voadora”. Foi lançado também, neste primeiro evento, um pacote com seis gravuras inéditas, assinadas pelos artistas individualmente e disponibilizadas para venda. As gravuras foram feitas em parceria com um estúdio de impressão conhecido pelo coletivo, chamado Silk Ateliê, que conseguiu um apoio para o projeto ao acordar doar metade da produção para o estúdio e ficar com a outra metade, zerando assim o custo de

produção. A exposição ocupou o primeiro andar da casa e o segundo e terceiro andares ficaram abertos para visitação, uma atividade comumente chamada de “ateliês abertos”.

Dessa forma, a casa foi totalmente ativada de forma independente e os artistas começaram a esboçar as primeiras estratégias que sustentariam o projeto, como a venda de obras originais e o lançamento de múltiplos dos artistas da casa. Fica claro durante esse período a importância da realiza o de parcerias para que os projetos pudessem acontecer – estratégia que ficaria cada vez mais forte ao longo do projeto.

O trabalho “Orgia Voadora” tinha como proposta que os seis residentes da Casa Voa fizessem um único trabalho juntos, num suporte único de papel. Através da técnica de colagem foi realizado um trabalho a doze mãos, que misturou referências, papéis antigos, restos de trabalhos autorais e anota es de cada um dos artistas. Esse foi o único trabalho de autoria coletiva realizado pela Casa Voa desde sua cria o. O trabalho foi recortado e seus fragmentos emoldurados, assinados apenas com um carimbo escrito “Voa” – a logo desenvolvida para a casa – e a venda das obras teve o lucro revertido de volta para custear os próximos investimentos no projeto.

No segundo ano de atividade, em 2018, a Casa Voa conseguiu mais um apoio, dessa vez de uma marca de cerveja criada por um grupo de amigos do coletivo, chamada cerveja “Praya”, que passou a entregar uma cota de carregamento do produto para a realiza o dos eventos na casa. Esse apoio foi extremamente importante financeiramente, pois eliminou um dos investimentos que era necessário para a ativa o do bar dos eventos, possibilitando um retorno financeiro mais alto com a comercializa o da cerveja durante as exposi es realizadas na casa. Tendo em vista uma certeza de entrada de dinheiro, o coletivo pôde se organizar melhor e investir a renda proveniente das vendas no bar para, por exemplo, pagar fotógrafos e separar uma taxa de faxina para as exposi es realizadas na casa.

Também em 2018, o coletivo resolveu lançar um curso de Arte Contemporânea no formato de acompanhamento de projetos artísticos autorais, batizado de “Conversa Voa”. Esse foi um importante passo para o projeto da Casa Voa, tanto financeiramente quanto conceitualmente, pois seria o marco do impacto positivo que suas conversas dentro da casa estavam tendo sobre suas pesquisas, que foi o disparador da ideia de criar uma conversa aberta a outros artistas que estariam isolados demais no processo criativo, dando origem ao curso.

A vontade de oferecer aulas de arte teria surgido depois dos residentes perceberem que as trocas que estavam tendo dia após dia estavam influenciando positivamente no resultado dos trabalhos, no conhecimento geral de história da arte, nas referências de

materiais, técnicas e indicação de outros artistas que tinham uma proximidade poética com a pesquisa de cada um. Muitos materiais utilizados nos ateliês passaram a ser emprestados de um artista para o outro, muitas técnicas eram compartilhadas e o compartilhamento de referências e poéticas se tornou inesgotável. A partir desse momento, com a decisão de abrir um curso, a Casa Voa deu início a uma vertente de escola, assumidamente influenciada pelo Parque Lage. Dessa forma, o projeto passou a ter mais uma atividade: cursos práticos e teóricos de arte contemporânea, que passariam a ser ministrados, inclusive, por outros artistas, amigos e professores. Essa organização possibilitou também que se estruturasse um formato de geração de renda mais regular para garantir a autonomia da casa, já que os artistas dividiam o valor do aluguel e nem sempre estavam realizando eventos na casa.

Ainda no ano de 2018, o artista Antonio Bokel realizou uma exposição individual no Centro Cultural dos Correios (RJ), onde conheceu a produtora de arte Ana Portes e decidi convidá-la para conhecer a Casa Voa e participar do projeto como produtora. A entrada da produtora no coletivo trouxe uma consistência estrutural para as atividades da casa e permitiu que os artistas focassem mais em suas produções no ateliê sem perder tanto tempo com a organização dos projetos e eventos, como cursos, ateliês abertos e exposições.

Fica claro, nesse momento, que até então a estrutura básica financeira da Casa Voa era composta pelo aluguel - pago pelos residentes - e pelo lucro advindo dos cursos e dos eventos, com a arrecadação das mensalidades das aulas, das vendas de bebidas do bar e aquisição do pacote de gravuras durante as exposições. Também se mostraram muito importantes as redes de apoio que eram estabelecidas pelo coletivo e chegaram a zerar alguns custos do projeto, como o apoio do estúdio de gravura e da empresa de cerveja.

Foi no ano de 2019 que aconteceram as primeiras mudanças de participantes do coletivo, com a saída das artistas Joana César e Clara Veiga. Os ateliês vagos deram lugar a duas alunas que participavam do grupo de estudos Conversa Voa: Maria Flexa e Clarice Rosadas. Antes da minha entrada na casa, o coletivo tentou fazer um projeto de residência em um dos ateliês vagos, pensando que nem todo artista estaria engajado o suficiente para querer participar de todas as atividades e responsabilidades do coletivo, e resolveram incluir apenas a artista Maria Flexa no grupo Casa Voa. Dois artistas passaram por um curto ciclo de residência no segundo ateliê disponível, ficando isentos das responsabilidades com a casa - como preparar os cursos, organizar a casa para receber eventos e realizar manutenções no espaço. Esse modelo de residência não se mostrou tão eficiente como o grupo esperava, e quando os primeiros artistas encerraram seus ciclos de produção, o coletivo optou por incluir

mais uma pessoa que estivesse interessada nas atividades do espaço, e foi quando recebi o convite para participar da Casa Voa.

Até então, eu estava participando do curso Conversa Voa - que teve início em 2018 - como aluna bolsista, pois a produtora Ana Portes apresentou dificuldades em concentrar tantas atividades da casa que estavam sendo realizadas em tão pouco tempo e precisou de um ajudante, me fazendo o convite de ser assistente de produção em troca de uma bolsa integral para realizar o curso. Com o fim do Conversa Voa em dezembro de 2018, continuei como assistente de produção em tempo integral, dividindo com a produtora toda a organização estrutural e física dos cursos e exposições.

As últimas mudanças de participantes no coletivo entre 2019 e a conclusão desse projeto foram a saída da produtora Ana Portes e dos artistas Thainan Castro e Maria Flexa, e a entrada dos artistas Lulo Chaumont e Carolina Kasting, também ex-alunos do grupo de estudos.

Em 2020, com o início da pandemia do coronavírus, a proprietária da sede original da Casa Voa solicitou o encerramento do contrato de aluguel da casa, e o grupo precisou se realocar, tendo a sorte de conseguir alugar a casa vizinha, mudando para um número antes, na mesma rua. Essa mudança de cenário, que num primeiro momento pareceu ser o fim do projeto, fortaleceu a coletividade entre os artistas da casa, que precisaram realizar inúmeras reuniões e *brainstormings* para criar novas estratégias de atividades que pudessem ser realizadas online e gerassem alguma renda para o projeto. O primeiro passo foi transformar o grupo de estudos em uma turma online, dando um desconto para os alunos que continuassem o acompanhamento. As aulas virtuais tiveram uma grande procura entre 2020 e 2021, e conseguiram sustentar boa parte dos custos da casa durante esse período de readaptação e troca de endereço.

Outro passo importante foi a nova abordagem e postura do coletivo nas redes sociais. Nesse momento, optou-se por uma mudança de comportamento para um perfil mais profissional, que apresentaria de forma mais descritiva as obras dos artistas da casa e apresentaria textos mais aprofundados sobre os projetos expositivos, junto a uma sequência de fotos que foram acumuladas desde os primeiros eventos com fotógrafos, reunindo um grande arquivo de imagens e textos expositivos de alta qualidade, que validaram muito a Casa Voa no cenário artístico contemporâneo.

Com o engajamento virtual crescente durante a pandemia, o coletivo conseguiu estruturar muito bem o setor de vendas da casa, tendo em vista que haviam sido elaboradas, até aquele momento, algumas séries de múltiplos, em formatos de gravuras e também

camisetas. Esses itens eram comercializados durante os eventos da casa e, com o distanciamento social, passaram a ser entregues na casa dos compradores, que demonstravam interesse nas redes sociais, principalmente no Instagram da Voa.

Em 2022, enquanto esse projeto é escrito, a Casa Voa conta com a presença dos artistas Antonio Bokel, Marcelo Macedo, Mateu Velasco, Clarice Rosadas, Carolina Kasting e Lulo Chaumont no coletivo, e se estrutura financeiramente a partir da venda dos múltiplos criados pelos artistas, além dos cursos oferecidos presencialmente e remotamente. Com a nova casa, dois espaços extra ficaram disponíveis, e o projeto de Residência Artística pôde ser retomado, recebendo artistas de fora do coletivo para espaços curtos de produção na casa, sem a necessidade de engajamento nas atividades do projeto. Todo o valor arrecadado com o aluguel dos residentes, com o valor dos cursos e a venda dos múltiplos é revertido para o projeto da casa.

A grande perda que a mudança de endereço apresentou foi a falta de um espaço expositivo, que apesar de ter sido positivo e interessante para que os artistas pudessem focar em suas produções e receber residentes de fora do coletivo sem atrapalhar a dinâmica da casa, diminuiu as possibilidades de experimentação e apresentação das obras em conjunto, o que pretende ser solucionado com este projeto.

Surge assim o projeto de uma exposição coletiva dos artistas da Casa Voa que consiga evidenciar em sua curadoria algumas semelhanças que aparecem em seus trabalhos após passarem tanto tempo juntos, trocando experiências, materiais e referências entre suas pesquisas.

4. A Contaminação: uma proposta curatorial

A exposição pensada para os artistas do coletivo Casa Voa apresentará um conjunto de obras que evidencie uma possível contaminação entre suas pesquisas – que pode se apresentar como uma semelhança visual, estrutural, temática ou poética. A proposta curatorial é sugerir, através da montagem da exposição e escolha dos trabalhos, a existência de um fio condutor que conecte a produção realizada pelos artistas em seus ateliês na casa, instigando o espectador a questionar qual a autoria de cada um dos trabalhos, e se há uma autoria coletiva ou uma semelhança proposital pensada pelos artistas ao conceber algumas obras. Não serão selecionadas obras coletivas, apenas trabalhos de autoria única, misturando

um conjunto de trabalhos de cada um dos artistas em um mesmo ambiente expositivo; a coletividade e a aproximação se dará ao percorrer a exposição, sobrepondo as camadas de percepção entre a disposição dos trabalhos.

Segundo a curadora Sonia Salcedo del Castillo em seu livro “A arte de expor – curadoria como *expoesis*” (2014), o papel do curador é traçar um paralelo entre as obras selecionadas, seja com a finalidade de aproximá-las ou de afastá-las, através de sua disposição no espaço, relacionando esses trabalhos com a arquitetura e relacionando todo esse conjunto às poéticas, tanto da obra quanto da exposição.

Curadoria é obra que só se efetiva com a montagem expositiva. sua poética é reflexão plástico-estética – uma *expoesis*. Presente, o curador garante a harmonia de sua ideia na edição expográfica, como distensão escritural na arquitetura de seu argumento, tema, sujeito. A exposição é o lugar entre a idealização e a construção, portanto, a curadoria, uma prática da ordem criativa (CASTILLO, 2014, p.67).

A escolha do espaço também está relacionada com o tema proposto para a exposição. A Casa Voa é um espaço autônomo, lugar de criação e experimentação, que se contrapõe às instituições que se limitam a receber esses projetos, tanto estruturalmente como conceitualmente. É interessante, no entanto, provocar um curto-circuito entre essas duas camadas do campo artístico, inclusive regionalmente. Dessa forma, a escolha do Espaço Cultural dos Correios de Niterói como receptáculo desta exposição se dá pelo fato de ser esta uma instituição pública localizada nas proximidades da Universidade Federal Fluminense, berço deste projeto, em contraponto à Casa Voa e ao Rio de Janeiro, forçando um deslocamento e um cruzamento de redes que devem ser ativadas no circuito artístico durante a sua realização.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Fernanda. “Troca, soma de esforços, atitude crítica e proposição: Uma reflexão sobre os coletivos de artistas no Brasil.” Tese de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFGRS, Porto Alegre, 2011, p. 28.

CASTILLO, Sonia Salcedo del. Arte de Expor – curadoria como exoposis. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2014.

ENDO, Maíra. Estudos sobre a auto-organização no campo da arte no Brasil. 1. ed. São Paulo: Solar Projetos Culturais, 2017.

NUNES, Kamilla. Espaços Autônomos de Arte Contemporânea. São Paulo: Circuito, 2013.

Índice do Projeto

- 1. Apresentação/ resumo**
- 2. Objetivos**
- 3. Justificativa**
- 4. Estratégias de Ação**
- 5. Público Alvo**
- 6. Orçamento**
- 7. Anexos - Lista de Obras e Planta Baixa da Sala de Exposição**

1. Apresentação

O projeto “Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação” trata de uma proposta de exposição coletiva que apresenta um conjunto de obras autorais dos artistas Antonio Bokel, Carolina Kasting, Clarice Rosadas, Lulo Chaumont, Marcelo Macedo e Mateu Velasco, membros do espaço autônomo de arte contemporânea Casa Voa, localizado na Gávea (RJ).

A exposição foi pensada para o Espaço Cultural dos Correios de Niterói, que deverá receber a mostra em quatro salas, localizadas no segundo andar do prédio, durante o período de um mês.

A mostra deve receber estudantes, artistas, críticos, colecionadores e pesquisadores do campo de arte autônomo, que serão apresentados ao tema através de uma curadoria inédita, percebendo a importância do coletivo e a influência que o espaço compartilhado de produção tem sobre o resultado das obras e o curso das pesquisas realizadas pelos artistas.

2. Objetivos

Objetivo Geral

Realizar, no Espaço Cultural dos Correios, a exposição “Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação”, que consiste em uma mostra coletiva composta por obras originais de cada um dos seis artistas do coletivo da Casa Voa: Antonio Bokel, Carolina Kasting, Clarice Rosadas, Lulo Chaumont, Marcelo Macedo e Mateu Velasco. Pretende-se que a proposta curatorial evidencie a contaminação entre os trabalhos e pesquisas de cada um dos artistas, ou

seja, que sejam exibidos trabalhos que possuam similaridades técnicas, processuais ou poéticas.

A mostra terá a duração de um mês e os artistas estarão presentes na abertura e em mais um dia, a ser escolhido pelo espaço cultural, disponibilizado para uma visita guiada.

O projeto pretende, com a exposição, fomentar a cultura no Estado do Rio de Janeiro e trazer o circuito de arte carioca para dialogar com o circuito niteroiense, bem como trazer o cenário de arte independente para dentro de um espaço institucional, fortalecendo o debate acerca dos espaços autônomos de arte contemporânea, além de estimular o pensamento crítico do público sobre a produção individual de artistas dentro dos coletivos de arte e o impacto que essas vivências coletivas têm sobre os artistas participantes.

Objetivos Específicos

- Realizar uma exposição de arte contemporânea em quatro salas localizadas no segundo andar do Espaço Cultural dos Correios da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro;
- Expor obras autorais dos artistas membros do espaço autônomo Casa Voa;
- Realizar o evento, com entrada franca, no período total de um mês, podendo ser estendido pela instituição caso necessário;
- Realizar um dia de visitação guiada pelos artistas da Casa Voa, em data a combinar com o espaço cultural que recebe o evento;

3. Justificativa

Os espaços autônomos são motivo de pesquisa e debates que atravessam temas como arte contemporânea, história, crises econômicas, cultura e sociedade. O surgimento desses espaços no Brasil ocorre em meados dos anos setenta, como sugere a pesquisadora Kamilla Nunes em seu livro “Espaços Autônomos de Arte Contemporânea” (ANO). Sua estrutura e organização é pensada por seus integrantes, e apresenta características e atuações das mais variadas e, portanto, mapear seu surgimento e desaparecimento é tarefa árdua mas de extrema importância para que se possa compreender as soluções que artistas criam para suprir necessidades no campo artístico institucionalizado.

Em “Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação” é proposta uma exposição de seis artistas que compõem um desses espaços, ativo no Rio de Janeiro desde 2017 sob o nome de Casa Voa.

Esta mostra não tem como objetivo apresentar as obras dos artistas de forma isolada em sua linguagem e imagem, mas utilizar-se do espaço expositivo para evidenciar uma linha poética que evoque a trajetória da Casa Voa, trazendo à tona a convivência entre os artistas membros desde que passaram a dividir seu espaço criativo.

Dessa forma, a realização desta exposição de arte pretende assumir as características em comum entre os artistas da casa, sugerindo que exista então uma linguagem própria da Casa Voa, criada através das trocas e influências entre os artistas que fazem parte da casa. Essa troca intensa de informações como referências, materiais, soluções de acabamento e reflexões sobre a poética das obras tem um grande impacto no resultado dos trabalhos, e foi a partir dessa percepção que surgiu a vontade de realizar este projeto.

A exposição deve estimular outros artistas a se organizar de forma coletiva e ingressar no circuito independente de arte contemporânea no Rio de Janeiro, bem como instigar o público a observar a interação entre os artistas participantes de coletivos de arte e de espaços autônomos de arte contemporânea através dos seus trabalhos.

A disposição das obras selecionadas no espaço expositivo será feita de forma orgânica, como um jogo curatorial, que passará pela mão e olhar de todos os artistas da casa durante a montagem da exposição, de forma fluida e coletiva, sendo coerente com a horizontalidade do projeto coletivo da Casa Voa.

“Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação” pretende, portanto, partir do contato cotidiano entre os artistas para criar um olhar que ultrapasse as questões estruturais e organizacionais dos coletivos e espaços autônomos de arte contemporânea, acrescentando uma nova camada à pesquisa do campo artístico ao destacar a contaminação resultante da convivência entre os artistas que dividem estes espaços, convidando o público a desvendar possíveis ligações entre as obras.

Além disso, pretende-se demonstrar aos profissionais atuantes no campo da produção cultural que é possível realizar grandes projetos através de pequenas organizações, e que coletivos podem ser quase auto-suficientes, quando capazes de ativar redes para movimentar as engrenagens necessárias para a realização de um projeto artístico.

4. Estratégias de Ação

Contratações:

O único contratado será o profissional responsável pela produção do Banner e Vinil Adesivo, requisito básico para a apresentação do projeto e solicitado pela instituição que receberá a exposição – ver mais em **Orçamento e Material Gráfico**.

Com o objetivo de manter-se fiel ao cenário de atuação dos espaços autônomos de arte contemporânea e ao histórico de exposições e eventos que acontecem na Casa Voa, todas as tarefas necessárias para a produção, montagem e desmontagem da exposição serão executadas pelos membros do coletivo, e cada artista ficará responsável pela elaboração e execução das atividades que lhes forem determinadas, seguindo a ficha técnica descrita no projeto.

Ficha Técnica (ou Divisão de Tarefas):

Produção e Curadoria: Clarice Rosadas

Assistente de produção: Lulo Chaumont

Iluminação: Antonio Bokel

Comunicação visual: Mateu Velasco e Marcelo Macedo

Fotografia (registro da exposição e atividades): Carolina Kasting

Equipe de Montagem, Transporte de Obras e Divulgação: Antonio Bokel, Carolina Kasting, Clarice Rosadas, Lulo Chaumont, Marcelo Macedo e Mateu Velasco.

4.1 Pré Produção

Envio da proposta e documentação para a equipe de produção do Espaço Cultural dos Correios

O projeto deve ser enviado, com antecedência de pelo menos três meses, para o email institucional dos Correios de Niterói. O coletivo deve aguardar resposta e seguir as orientações através das etapas burocráticas da instituição para que o projeto seja aprovado.

Captação de recursos

A captação de recursos para arcar com os custos do projeto respeitará a organização financeira realizada na Casa Voa e estratégias comumente adotadas pelo coletivo, que deve

destinar a verba necessária para a realização do projeto (detalhada no orçamento do projeto). O grupo deve ter como meta a arrecadação da verba do projeto através de estratégias como: venda de camisetas e gravuras desenvolvidas pelos artistas da casa e/ou realizar um leilão de obras originais.

A captação será de responsabilidade do coletivo e dependerá de sua capacidade de articulação e dedicação para atingir a meta orçamentária mínima, descrita em **Orçamento**, para que o projeto seja viável. Essa movimentação para captar recursos deve ter início pelo menos 3 meses antes da data marcada para a exposição.

Curadoria e Expografia

A curadoria foi realizada pela produtora e artista Clarice Rosadas, que selecionou um conjunto de obras de cada um dos artistas residentes da Casa Voa, detalhados em *Anexo 1: Lista de Obras*. A escolha dos trabalhos partiu de similaridades visuais, processuais ou poéticas entre as obras, e a expografia dos trabalhos será feita pelos próprios artistas durante a montagem da exposição. Como num jogo, será proposto, durante a montagem, que os artistas do coletivo decidam o posicionamento, altura e disposição das obras selecionadas nas salas de exposição. Essa dinâmica tem como objetivo incluir o coletivo na curadoria da exposição e respeitar a organização coletiva horizontal durante a realização do projeto, além de instituir a ideia da contaminação na própria expografia.

Produção Textual

A produtora e o assistente de produção devem produzir um pequeno texto para a exposição, que deverá ser fixado num vinil na parede da primeira sala de exposição, contendo um resumo descritivo e poético acerca do projeto e direção curatorial. Esse texto deve ser preparado e estar pronto pelo menos 1 semana antes da exposição, e ser enviado para a gráfica pelo menos 3 dias antes da exposição.

Material gráfico

O artista responsável pelo Design deve criar a arte do banner que ficará disposto na entrada do espaço cultural dos correios, respeitando as dimensões e orientações apresentadas pela equipe da instituição. Deverá ser produzido também um flyer de divulgação para as redes sociais, com a mesma identidade visual do banner, contendo data, horário, local, título da

exposição e nome dos artistas. O banner e o vinil com o texto da exposição serão enviados para uma gráfica que trabalha com o espaço cultural dos correios em muitas montagens, e o valor desse trabalho (descrito em **Orçamento**) será pago com a verba arrecadada pela venda de camisas e gravuras, como descrito em **captação de recursos**.

Divulgação

A divulgação do projeto será realizada nos perfis oficiais da Casa Voa, através das redes sociais Instagram e Facebook, utilizando o material gráfico e textos produzidos pelo coletivo. Pode ser enviado um *release* da exposição para eventuais matérias em jornais ou revistas. Os artistas do coletivo devem enviar convites virtuais com o *flyer* da exposição para suas listas de contatos como amigos, artistas, representantes de outros espaços autônomos, críticos de arte, galeristas dos artistas da casa que possuem representação e pesquisadores com afinidade de campo de pesquisa com a proposta da exposição. O espaço cultural dos correios divulgará o projeto através de seus veículos oficiais, como site, email e calendário de programação.

4.2 Produção

O espaço cultural dos correios disponibiliza 3 dias para a montagem da exposição, que são os três dias anteriores à data marcada para a abertura da exposição. Toda a abertura é realizada num sábado, portanto os dias de montagem serão: quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira. O horário de montagem é das 9h às 19h.

Transporte de obras

O espaço cultural dos Correios não se responsabiliza pelo transporte das obras, cabendo aos artistas a responsabilidade de envio e retirada das obras nas etapas de **Montagem** e **Desmontagem** da exposição. O grupo deverá embalar e separar os trabalhos selecionados pela curadoria e transportá-los para os Correios no primeiro dia de montagem. Os artistas deverão levar também, junto às obras, todo o material necessário para realizar sua montagem, como martelo, pregos, furadeira, parafusos, etc. Para realizar esta etapa, o coletivo conta com a utilização dos carros pessoais dos artistas Antonio Bokel, Marcelo Macedo, Mateu Velasco e Carolina Kasting.

Montagem

Os artistas devem se reunir no espaço reservado para a exposição e realizar o processo de montagem das obras, determinando de forma coletiva a disposição visual na parede, proximidade entre os trabalhos (distância entre as obras), altura e disposição no espaço. Durante esses três dias de montagem, os materiais gráficos - *banner* e vinil com texto da exposição - serão fixados em seus devidos lugares pelo profissional da gráfica. Os Correios disponibilizam escadas, mesas de apoio e cadeiras para serem utilizadas durante a montagem.

Iluminação

No último dia de montagem, após a disposição das obras no espaço expositivo, o artista encarregado pela função da iluminação realizará a afinação, ajustes e manutenção dos equipamentos já instalados no Espaço Cultural dos Correios, com supervisão dos profissionais da instituição.

4.3 Exposição

Vernissage

No primeiro dia da programação, sábado, é aberta a exposição “Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação”, no qual serão recebidos os principais visitantes, como convidados, curadores, pesquisadores e artistas. O horário do evento de abertura é das 13h às 17h.

Visita guiada

Em data a combinar com a instituição, os artistas da Casa Voa devem realizar uma visita guiada, apresentando a exposição, descrevendo o projeto, as obras e contando um pouco sobre a história da casa. A curadora fará uma breve apresentação do projeto curatorial enquanto a exposição é apresentada ao público. O público participante dessa visita guiada é escolhido pela equipe de produção dos Correios, devendo os artistas se comprometerem a comparecer na data e horário determinados.

Encerramento

No último dia da exposição, é esperado um público similar ao da Vernissage, composto pelos interessados que ainda não tiveram a oportunidade de visitar a exposição ou visitantes que gostariam de visitar novamente a exposição e participar do encerramento das atividades com os artistas. Pode ser realizada também uma roda de conversa entre o coletivo da Casa Voa e o

público, abordando assuntos como os espaços autônomos de arte contemporânea, a história da Casa Voa, compartilhamento de relatos acerca da exposição e atividades realizadas, percepções do públicos e discussões abertas sobre arte.

4.4 Pós Produção

A exposição é desmontada após um mês em cartaz. O espaço cultural disponibiliza dois dias para a desmontagem, que é sempre realizada às segundas e terças-feiras, das 9h às 19h. Todos os artistas do coletivo devem se apresentar nos Correios e retirar as obras das paredes, reparar os danos causados às paredes do espaço expositivo, utilizando massa corrida e tinta de parede. Deve ser retirado do espaço o texto em vinil fixado na parede. As obras devem ser embaladas e levadas de volta para a Casa Voa. Deve ser feita uma postagem virtual de agradecimento aos apoiadores do projeto através das redes sociais, com imagens realizadas pela fotógrafa durante o evento. É encerrada a exposição “Casa Voa: Uma Mostra sobre Contaminação”.

5. Público Alvo

Esta exposição busca atingir, principalmente, um público composto por artistas, pesquisadores do campo artístico contemporâneo, pesquisadores dos espaços autônomos de arte contemporânea, colecionadores e críticos de arte, estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) e o público que acompanha os artistas e o espaço da Casa Voa desde o seu surgimento.

6. Orçamento

O orçamento deste projeto será uma interseção dos modelos institucional e não-institucional, respeitando a realidade do circuito de arte autônoma, de escassez de editais, investimentos empresariais ou estatais, políticas públicas e enquadramento em leis de incentivo. Este projeto busca ser o mais fiel possível ao formato adotado pela Casa Voa, sendo realista com a forma como acontecem muitos dos eventos culturais em Espaços Autônomos de Arte Contemporânea, estabelecendo um sistema de projeto com estratégias auto-sustentáveis. O orçamento apresentará apenas os itens básicos necessários para a utilização do espaço cultural dos Correios de Niterói, baseado em arquivos institucionais consultados em exposições realizadas pelos artistas da casa no mesmo local nos anos de 2020 e 2021.

Material Gráfico

– Banner e Vinil Adesivo

Gráfica: Ginga Design

Profissional Responsável: Gaspar

Email para contato gingadesign@gmail.com

Valor Banner: R\$ 250,00

Valor Vinil: R\$ 180,00

Valor Instalação: R\$ 120,00

Total: R\$ 550,00

Material de Desmontagem

– Tinta para parede “Suvinil Branco 3,6 Litros”

valor médio R\$ 170,00

– Massa corrida “Suvinil 900ml”

valor médio R\$ 20,00

Total (aproximado): R\$ 180,00

Valor total do Orçamento (Estimativa)

R\$ 730,00

Caso seja arrecadado um valor maior que o necessário para arcar com os gastos listados acima durante a etapa de **Captação de Recursos**, a verba que sobrar deverá ser destinada para reembolsar o custo da gasolina utilizada para realizar as etapas de **Montagem** e **Desmontagem**, que totalizam um deslocamento total estimado de 124km entre a Casa Voa e os a sede do Espaço Cultural dos Correios de Niterói.

7. Anexos

Em arquivo anexado, estão dispostos para consulta: mini-biografia de cada um dos artistas da Casa Voa e a lista de obras selecionadas de cada um, com as respectivas imagens e ficha técnica.

ANEXOS

1. Ficha Técnica

1.1. Antonio Bokel

1.2. Carolina Kasting

1.3. Clarice Rosadas

1.4. Lulo Chaumont

1.5. Marcelo Macedo

1.6. Mateu Velasco

2. Planta Baixa

2.1. Planta geral do andar

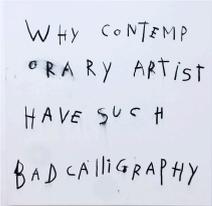
2.2. Planta baixa e medidas do espaço expositivo

1.1 Antonio Bokel (1978 – Rio de Janeiro, RJ) Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formado em Design Gráfico pela Universidade em 2004, realizou sua primeira exposição individual em 2003 na Ken’s Art Gallery em Florença, na Itália, onde residiu e fez cursos de fotografia e história da arte. No Rio de Janeiro, teve aulas de modelo vivo com Bandeira de Mello e fez cursos de pintura com João Magalhães e Luiz Ernesto, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Ao longo das duas últimas décadas tem apresentado seu trabalho no Brasil e no exterior em diversas exposições e feiras de arte. Em 2017 se juntou ao grupo de artistas Marcelo Macedo, Joana César, Thainan Castro, Clara Veiga e Mateu Velasco criando o espaço Casa Voa, na Zona Sul do Rio, onde tem seu ateliê e faz parte do coletivo até hoje.

Sua pesquisa parte de aproximações com o expressionismo abstrato, com grande influência de artistas como Antoni Tapies, Amilcar de Castro, Cy Tombly, Mira Schendel e Basquiat. Realizou muitas intervenções urbanas através de colagens e grafitti, em paralelo a sua pesquisa em arte contemporânea através de esculturas e pinturas em grandes formatos, onde explora a dualidade entre forma e contra-forma, preenchimento e vazio, dentro e fora, arquitetura e natureza, urbano e rural, buscando ultimamente o que chama de “bad geometry”.

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Cruz Apagada Ano: 2012 Técnica: Técnica mista sobre tela Medidas: 140 x 140 cm</p>	
<p>Título: Sua Verdade Ano: 2012 Técnica: Técnica mista sobre tela Medidas: 190x 190 cm</p>	

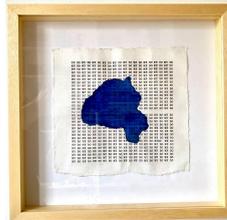
Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Polio Pixo Ano: 2014 Técnica: Técnica mista sobre tela Medidas: 200 x 200 cm</p>	
<p>Título: Suave Concreto Ano: 2017 Técnica: Acrílica e spray sobre linho e algodão Medidas: 100 x 150 cm</p>	
<p>Título: Cadeira Equilibrista Ano: 2019 Técnica: Acrílica e spray sobre tela Medidas: 170 x 140 cm</p>	
<p>Título: Transgressor Elegante Ano: 2020 Técnica: Acrílica e spray sobre tela Medidas: 140 x 140 cm</p>	
<p>Título: Garrafas Vazias Ano: 2021 Técnica: Acrílica sobre tela Medidas: 170 x 120 cm</p>	
<p>Título: Garrafas Vazias Ano: 2021 Técnica: Acrílica sobre tela Medidas: 170 x 120 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Bad Calligraphy Ano: 2020 Técnica: Carvão sobre tela Medidas: 100 x 100 cm</p>	
<p>Título: Ano: Técnica: Medidas:</p>	
<p>Título: Deslocado Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeira Medidas: Dimensões variadas</p>	
<p>Título: Horizonte Instável Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre tela Medidas: 80 x 240 cm</p>	
<p>Título: Fragmentos de um traço Ano: 2020 Técnica: Acrílica sobre madeira Medidas: 30 x 20 cm</p>	
<p>Título: Espaço Vazio Ano: 2020 Técnica: Acrílica e spray sobre tela Medidas: 120 x 80 cm</p>	

1.2 Carolina Kasting (1975 – Florianópolis, Santa Catarina), vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou artes na escola de artes visuais do Parque Lage entre os anos de 2004 e 2014. Participou de mostras individuais e coletivas, ingressando no coletivo de arte contemporânea Casa Voa em 2019 após realizar o grupo de estudos “Conversa Voa”.

A artista estabelece sua poética na representação simbólica do corpo, utilizando objetos descartados e têxteis que assumem função performativa nas obras. Utiliza práticas ancestrais de tessitura como redes, bordados tricô, crochê e tear. No ato de se auto-retratar, Carolina constrói uma ambiência imagética e brinca com a possibilidade de diálogo entre o bidimensional e o tridimensional, voltando o pensamento para a intersecção entre o plano e o volumétrico, o espaço imagético e o espaço real.

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: A Alma da Semente Ano: 2022 Técnica: Lã natural de merino e casca de semente sobre tecido de bordado Medidas: 100 x 48 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Lã de merino 100% natural, lã, malha, barbante e madeira Medidas: 148 x 38 x 18 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Humano Presente Ano: 2021 Técnica: Monotipia com tinta serigráfica sobre impressão em pigmento mineral de poema Medidas: 210 x 110 cm</p>	
<p>Título: Humano Ausente Ano: 2021 Técnica: Monotipia com tinta serigráfica sobre impressão em pigmento mineral de poema Medidas: 210 x 110 cm</p>	
<p>Título: Me do Ano: 2019 Técnica: Acrílica sobre papel com interferência de máquina de escrever Medidas: 30 x 30 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Linha sobre fotocópia Medidas: 29 x 21 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Linha e flores secas sobre fotocópia Medidas: 29 x 21 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Linha e tecido sobre fotocópia Medidas: 29 x 21 cm</p>	

Ficha Técnica

Imagem

Título: Cartografia aleatória de um poema
Ano: 2020
Técnica: Acrílica sobre papel vegetal e poema concreto
Medidas: 20 x 58 cm



Título: Arder de desejo na escuridão de dentro
Ano: 2021
Técnica: Acrílica e serigráfica sobre algodão cru
Medidas: 240 x 150 cm



Título: A amazona ou Jogar para fora o que é de fora
Ano: 2021
Técnica: Acrílica e serigráfica sobre algodão cru
Medidas: 200 x 93 cm



1.3. Clarice Rosadas (1997 – Rio de Janeiro, RJ), vive e trabalha no Rio de Janeiro. Em 2018 foi aluna da primeira turma do grupo de estudos “Conversa Voa” na Casa Voa, Gávea (RJ). Passou a integrar o coletivo naquele mesmo ano, tendo o primeiro ateliê na casa em 2020.

Sua pesquisa se baseia na palavra, e passa pela escrita, fala e escuta como matriz para os trabalhos. O material de suporte varia entre papel, telas e objetos. A artista explora também uma técnica de transferência de resíduos e materiais com a fita crepe. O resultado dos processos é um rastro, ou fragmento, do ponto de partida, onde as palavras se perdem e as letras se desfazem em linha e matéria. A artista também escreve poesia, usando fragmentos de livros, revistas e suas próprias anotações. O resultado se aproxima, e por vezes se mistura, a sua pesquisa visual. Tudo começa e termina com a palavra, de uma forma ou de outra.

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Sem Título Ano: 2018 Técnica: Carvão e gesso acrílico sobre tela Medidas: 40 x 30 cm</p>	
<p>Título: Sem Título Ano: 2018 Técnica: Fita crepe, acrílica e grafite sobre tela Medidas: 40 x 30 cm</p>	
<p>Título: Nova Carta Celeste nº1 Ano: 2022 Técnica: Fita crepe sobre papel Medidas: 42 x 59,4 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Nova Carta Celeste nº2 Ano: 2022 Técnica: Fita crepe sobre papel Medidas: 42 x 59,4 cm</p>	
<p>Título: Nova Carta Celeste nº3 Ano: 2022 Técnica: Fita crepe sobre papel Medidas: 42 x 59,4 cm</p>	
<p>Título: Nova Carta Celeste nº4 Ano: 2022 Técnica: Fita crepe sobre papel Medidas: 42 x 59,4 cm</p>	
<p>Título: Nova Carta Celeste nº5 Ano: 2022 Técnica: Fita crepe sobre papel Medidas: 42 x 59,4 cm</p>	
<p>Título: Nova Carta Celeste nº6 Ano: 2022 Técnica: Fita crepe sobre papel Medidas: 42 x 59,4 cm</p>	
<p>Título: Coney Island Baby Ano: 2022 Técnica: Acrílica e grafite sobre tela Medidas: 110 x 93 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: fita crepe, acrílica, gesso acrílico e madeira sobre tela Medidas: 40 x 40 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: técnica mista sobre papel e borda de slide antigo Medidas: 5 x 5 cm cada, 40 x 40 cm o conjunto</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Acrílica sobre tecido de algodão Medidas: 90 x 90 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: Acrílica sobre página de dicionário Medidas: 21 x 29,5 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: Acrílica sobre página de dicionário Medidas: 21 x 29,5 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: Acrílica sobre página de dicionário Medidas: 21 x 29,5 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: Acrílica sobre página de dicionário Medidas: 21 x 29,5 cm</p>	

1.4. Lulo Chaumont (1979 – Monte Grande, Argentina), vive e trabalha no Rio de Janeiro. Em 2020 participou do grupo de estudos “Conversa Voa” na Casa Voa, Gávea (RJ), onde hoje possui ateliê como integrante do coletivo.

Sua pesquisa é baseada em processos contínuos de construções-pinturas com caráter abstrato configurado em mínimas dimensões. A presença e a ausência, a ruína e o início, a lembrança e o esquecimento, a ação do tempo e das relações de uso e descarte dos materiais são princípios constantemente visitados em sua produção artística que veleja pela pintura, escultura e apropriação de objetos descartados nas ruas da cidade onde habita.

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Gaveta ano 2120 Ano: 2020 Técnica: Papelão, madeira, tecido, papel e linha em chassi Medidas: 37,5 x 27 x 1,5 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Tinta de parede sobre madeiras descartadas Medidas: 12,5 x 15 x 6,5 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Madeiras descartadas Medidas: 12,5 x 13,5 x 5,5cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2021 Técnica: Grampos sobre madeiras descartadas Medidas: 11,5 x 15,5 x 3,5cm</p>	
<p>Título: Pacífica nº6 Ano: 2021 Técnica: Tinta de parede sobre madeiras descartadas Medidas: 23 x 18,5 x 3,5 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Calmaria nº1 Ano: 2021 Técnica: Tinta de parede sobre madeiras descartadas Medidas: 22 x 17 x 3 cm</p>	
<p>Título: Pacífica nº5 Ano: 2021 Técnica: Tinta de parede sobre madeiras descartadas Medidas: 14 x 14,5 x 3,5 cm</p>	
<p>Título: Paisagens do Abandono nº3 Ano: 2020 Técnica: Tecido e spray sobre madeiras descartadas Medidas: 18 x 15 x 3,5 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: Tecido e linha sobre madeira descartada Medidas: 13,5 x 14,5 2,5 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2020 Técnica: Madeira descartada Medidas: 11 x 9,5 cm</p>	
<p>Título: Paisagens do Abandono nº7 Ano: 2002 Técnica: Madeiras descartadas Medidas: 13 x 11 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº 9 Ano: 2021 Técnica: Papelão, spray e madeira sobre madeira Medidas: 31,5 x 31 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº8 Ano: 2021 Técnica: Papelão e spray sobre madeira Medidas: 32 x 31,5 x 4 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Ópera nº7 Ano: 2021 Técnica: Papelão, tecido e spray sobre madeira Medidas: 32 x 31,5 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº6 Ano: 2021 Técnica: Papelão, madeira e tecido sobre madeira Medidas: 32 x 37 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº5 Ano: 2021 Técnica: Papelão, tecido, papel e tela metálica sobre madeira Medidas: 33 x 36,5 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº4 Ano: 2021 Técnica: Papelão, tecido, papel de lixa, papel e grampo sobre madeira Medidas: 33 x 38,5 x 4cm</p>	
<p>Título: Ópera nº3 Ano: 2021 Técnica: Papelão, madeira e tinta seca sobre madeira Medidas: 33 x 38,5 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº2 Ano: 2020 Técnica: Papelão, madeira, tecido e papel sobre madeira Medidas: 34 x 38 x 4 cm</p>	
<p>Título: Ópera nº1 Ano: 2020 Técnica: Papelão e tecido sobre madeira Medidas: 32 x 31,5 x 4 cm</p>	

1.5. Marcelo Macedo (1983, Rio de Janeiro – RJ). Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Começou sua trajetória na arte de rua, com o grafitti, até começar a desenvolver sua pesquisa em arte contemporânea, com objetos encontrados na rua. Em 2017 se juntou a Antonio Bokel para dividir um espaço de ateliê, encontro que fez nascer o projeto Casa Voa. Marcelo faz parte do coletivo até hoje.

Sua pesquisa parte da atividade de garimpo, coleções e construções – através dessa tríade Marcelo transita entre o criar e recriar, ressignificando objetos e/ou parte deles que foram descartados. Dessas combinações e possibilidades é gerado um grande quebra-cabeça. Nos encontros entre essas peças os objetos passam a ter uma nova vida em um novo corpo.

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Beirada nº1 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 100 x 80 cm</p>	
<p>Título: Beiradinha nº3 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 71 x 52 cm</p>	
<p>Título: Beiradinha nº2 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 98 x 78 cm</p>	
<p>Título: Beiradinha nº4 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 110 x 110 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Beiradinha nº5 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 76 x 74 cm</p>	
<p>Título: Beiradinha nº6 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 135 x 102 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº1 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, cerâmica, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº2 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, cerâmica, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº3 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, cerâmica, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº4 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, cerâmica, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº5 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, cerâmica, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Contratempo nº8 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº9 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Contratempo nº10 Ano: 2019 Técnica: Prancheta de madeira, nanquim sobre fotos e papéis encontrados Medidas: 36 x 24 cm</p>	
<p>Título: Miração nº1 Ano: 2019 Técnica: Acrílica sobre madeiras descartadas Medidas: 59 x 83 cm</p>	

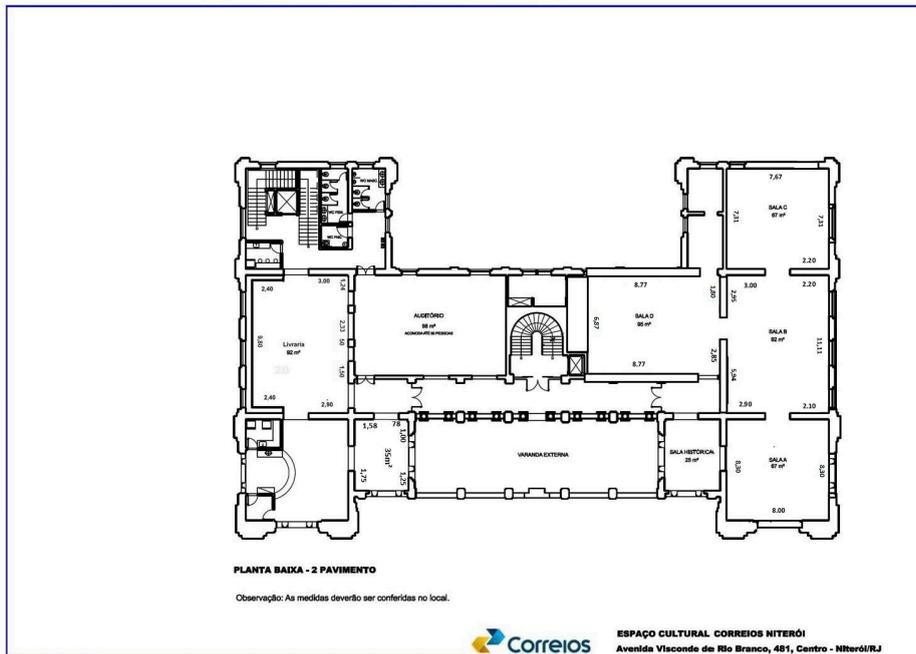
1.6. Mateu Velasco (1980 – Nova Iorque, EUA). Vive e trabalha no Rio de Janeiro (RJ). Formado em Desenho Industrial pela PUC-Rio (2003), é mestre em Design Gráfico pela mesma universidade. Começou a trabalhar profissionalmente como ilustrador em 1999. Expandiu sua atuação pintando murais públicos no início dos anos 2000, desenvolvendo uma linguagem própria como artista visual. É integrante do coletivo Casa Voa desde 2017. Repletos de referências do cotidiano urbano, seus trabalhos sinalizam uma insistente necessidade de humanização da cidade que capturam o espectador e o transporta para um mundo de superposições e signos gráficos recortados de elementos do mundo real com caráter lúdico. O artista coleciona imagens de sua vida diária, transformando-as em desenhos, esboços, rabiscos e vários gráficos. A junção de cada fragmento constitui o fio condutor de seu processo criativo, convidando o espectador a novas possibilidades de narrativas visuais e poéticas.

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Onde não mora ninguém Ano: 2021 Técnica: acrílica e colagem sobre painel de madeira Medidas: 180 x 160 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2022 Técnica: bordado e feltro Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2022 Técnica: bordado e feltro Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2022 Técnica: bordado e feltro Medidas: 23 x 23 cm</p>	

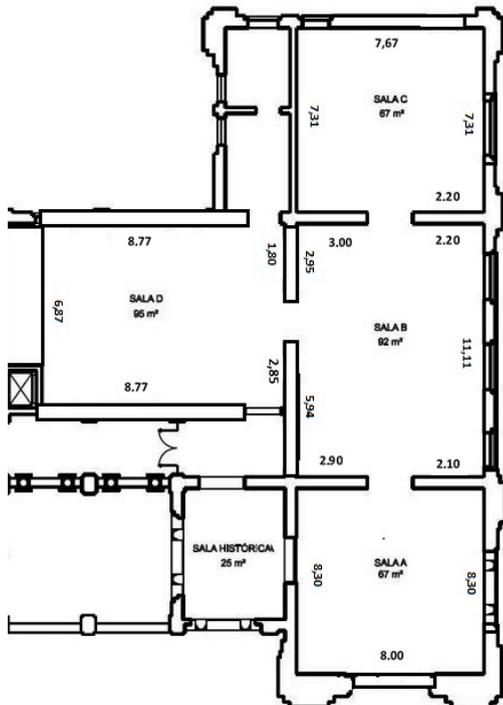
Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: Sem título Ano: 2022 Técnica: bordado e feltro Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2022 Técnica: bordado e feltro Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: Sem título Ano: 2022 Técnica: bordado e feltro Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: sem título (série Gavetas) Ano: 2021 Técnica: Recortes soltos de papel, gelatina e linha Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: sem título (série Gavetas) Ano: 2021 Técnica: Recortes soltos de papel, gelatina e linha Medidas: 23 x 23 cm</p>	
<p>Título: sem título (série Gavetas) Ano: 2021 Técnica: Recortes soltos de papel, Medidas: 22 x 22 cm</p>	
<p>Título: sem título (série Gavetas) Ano: 2021 Técnica: Recortes soltos de papel, Medidas: 22 x 22 cm</p>	

Ficha Técnica	Imagem
<p>Título: sem título (série Gavetas) Ano: 2021 Técnica: Recortes soltos de papel, Medidas: 22 x 22 cm</p>	
<p>Título: Bem Bolado Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeira Medidas: 82 x 82 cm</p>	
<p>Título: Elétrica Tupi Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeira Medidas: 162 x 110 cm</p>	
<p>Título: 6023268910 Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeira Medidas: 162 x 112 cm</p>	
<p>Título: Vende-se esta Casa Ano: 2022 Técnica: Acrílica sobre madeira Medidas: 162 x 112 cm</p>	

2.1 Planta geral do andar



2.2 Planta baixa e medidas do espaço expositivo



*salas expositivas que serão utilizadas: A, B, C e D